
Dossiê: História recente da política externa da América Latina
uma questão de elites?

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.36502>

Eugenia em países irmãos: projetos e contratempos

Eugenics in neighbouring countries: projects and setbacks

Eugenesia en países hermanos: proyectos y contratiempos

João Ítalo de Oliveira e Silva*

<https://orcid.org/0000-0003-1548-2279>

RESUMO: A eugenia conseguiu uma ampla divulgação ao longo das décadas de 1920 e 1930 em diferentes países do mundo. Um amplo movimento científico/social ganhou força nos cinco continentes como parte de um projeto nacional de elites intelectuais e políticas. Na América Latina, a “ciência de Galton” – seu idealizador –, foi pensada dentro da noção de cooperação entre cientistas de diferentes países. Acompanhamos nesse artigo as redes estabelecidas especificamente na América do Sul por três médicos da região – o argentino Victor Delfino, o brasileiro Renato Kehl e o peruano Carlos Enrique Paz Soldán. Eles trocaram correspondências e arquitetaram a formação de uma sociedade regional que contribuísse para o intercâmbio e para a construção de um continente eugênico. A eugenia enfrentou, entretanto, desafios para consolidar medidas que fossem encampadas por órgãos internacionais ligados à saúde. Discutiremos alguns dos projetos transnacionais e os desafios enfrentados pelo movimento eugênico, em especial o sul-americano, para agir como um ator internacional.

Palavras-chave: Eugenia. Políticas Públicas. América Latina. Elites. Intercâmbio científico.

ABSTRACT: Eugenics achieved wide dissemination throughout the 1920s and 1930s in different countries around the world. A broad scientific/social movement gained strength on five continents as part of a national project of intellectual and political elites. In Latin America, the “science of Galton” – its creator – was conceived within the notion of cooperation between scientists from

* Doutor e Mestre em Ciência e Cultura na História (UFMG), Licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professor de Ensino Médio/Fundamental. É autor da dissertação *Por uma eugenia latino-americana* (2008), da tese *Correntes de papel: imigração chinesa, contratos e conceitos de liberdade e escravidão* (2020), entre outros artigos científicos. Possui estudos de eugenia, teorias raciais no século XIX, imigração chinesa e história da medicina. E-mail: joao_italo@hotmail.com.

different countries. In this article, we follow the networks established specifically in South America by three doctors in the region – the Argentine Victor Delfino, the Brazilian Renato Kehl and the Peruvian Carlos Enrique Paz Soldán. They exchanged correspondence and planned the formation of a regional society that would contribute to exchange and to the construction of an eugenic continent. However, eugenics faced challenges to consolidate measures that were taken over by international organizations linked to health. We will discuss some of the transnational projects and the challenges faced by the eugenics movement, especially the South American one, to act as an international actor.

Keywords: Eugenics. Public policy. Latin America. Elites. Scientific exchange.

RESUMEN: La eugenesia logró una amplia difusión a lo largo de las décadas de 1920 y 1930 en diferentes países del mundo. Un amplio movimiento científico / social ganó fuerza en los cinco continentes como parte de un proyecto nacional de élites intelectuales y políticas. En América Latina, la “ciencia de Galton” - su creador - fue concebida dentro de la noción de cooperación entre científicos de diferentes países. En este artículo seguimos las redes establecidas específicamente en Sudamérica por tres médicos de la región: el argentino Víctor Delfino, el brasileño Renato Kehl y el peruano Carlos Enrique Paz Soldán. Intercambiaron correspondencia y planificaron la formación de una sociedad regional que contribuiría al intercambio y a la construcción de un continente eugenésico. Sin embargo, la eugenesia enfrentó desafíos para consolidar medidas que fueron asumidas por organismos internacionales vinculados a la salud. Discutiremos algunos de los proyectos transnacionales y los desafíos que enfrenta el movimiento eugenésico, especialmente el sudamericano, para actuar como actor internacional.

Palabras clave: Eugenesia. Política pública. América latina. Élites. Intercambio científico.

Como citar este artigo:

Silva, João Ítalo de Oliveira e. “Eugenia em países irmãos: projetos e contratemplos”. *Locus: Revista de História*, 28, n.1 (2022): 17-37.

Em meados de 1921, cientistas, médicos e políticos entusiastas da eugenia se reuniram em Nova York no Segundo Congresso de Eugenia. O movimento tinha ganhado notoriedade após o primeiro congresso ocorrido em Londres em 1912. O hiato entre as reuniões ocorreu devido a Primeira Guerra Mundial, que dificultava o trânsito de pessoas e a colaboração entre os países. O médico Cyril Edward Alfred Bedwell, diretor do hospital do King’s College, lamentou as interrupções das negociações para a criação de um comitê internacional permanente. Tal órgão

seria responsável por concatenar uma ação internacional uniforme que seguisse os preceitos da eugenia¹. (Bedwell 1922, 187)

Uma organização deveria surgir com uma estrutura formal com um escritório permanente, onde um conselho ou um comitê se reuniria periodicamente. Esse centro reuniria resultados de investigações, dados e bibliografia, fortalecendo os esforços e as iniciativas conduzidas nos diferentes lugares do mundo. As sociedades eugênicas dos diferentes países cooperariam com o centro internacional que depositaria a bibliografia reunida na União Internacional de Associações em Bruxelas. Uma organização que reunisse tal estrutura conseguiria um maior reconhecimento internacional, facilitaria o encontro com representantes oficiais de diferentes países e pavimentaria a condução de projetos mais ambiciosos no campo do concerto das nações. (Bedwell 1922, 187)

C.E.A. Bedwell defendeu a priorização da eugenia no campo das relações internacionais, pois acreditava que a cooperação internacional em torno do assunto deveria ter maior destaque nas discussões entre os países do que assuntos como desarmamento e arbitragem internacional. As propostas da eugenia deveriam ser discutidas nas organizações de saúde e na Liga das Nações². A eugenia poderia contribuir com o debate da migração das raças e da influência das características raciais na história da humanidade, tema de vital importância para diferentes países. (Bedwell 1922, 188)

A proposta do médico britânico era bastante ambiciosa e revelava o interesse de espalhar esse conhecimento para diferentes países com o intuito de melhorar a composição racial da humanidade como um todo. Os congressos internacionais de eugenia refletiram essa ambição. O primeiro desses encontros foi realizado em 1912 em Londres reuniu 400 delegados de diferentes lugares. As edições futuras cresceriam em número de delegados e em quantidade de países representados no evento. A troca de correspondências entre os eugenistas era intensa e revelava o interesse de propagar as suas propostas para o mundo.

Este artigo analisará a atuação do movimento eugênico – cientistas, instituições médicas e sociedades eugênicas – dentro do cenário das relações internacionais ao longo da década de 1920. Acompanharemos os esforços de estabelecer uma eugenia latino-americana por meio da troca de informações, experiências e influência de diferentes médicos da região. Renato Kehl, Victor

¹ A eugenia foi idealizada na segunda metade do século XIX, por Francis Galton, e amplamente divulgada nas primeiras décadas do século XX, e tinha como objetivo o aperfeiçoamento das qualidades humanas. Este objetivo poderia ser alcançado através do controle sobre a reprodução, imigração e casamentos. O conceito de eugenia teve uma flexibilidade muito grande e foi concebida de diferentes maneiras em diversos países nos quais médicos e cientistas se reuniram e formaram sociedades e organizações para a sua divulgação e debate. Para aprofundar na concepção da eugenia, ler: Kevles 1995 e Palma 2002.

² A Liga das Nações foi uma organização internacional criada após o término da Primeira Guerra Mundial com o objetivo de manter a paz mundial, discutir assuntos de importância mundial e promover a cooperação entre os países. A instituição nasceu em 1919 e foi dissolvida em 1946 com a criação da ONU.

Delfino e Carlos Enrique Paz Soldán foram alguns dos nomes que construíram redes intelectuais entre diferentes nações do continente. Levantaremos também alguns dos desafios encontrados para a atuação do movimento eugênico na política externa e os obstáculos enfrentados para a aprovação de medidas no âmbito internacional.

Eugenia: movimento científico/social

O movimento eugênico foi definido pela historiadora norte-americana Nancy Stepan como um movimento científico e social, que partia da hereditariedade para propor medidas que aprimorassem as populações. A mobilização internacional em torno da eugenia esteve mais restrita às elites de diferentes países, que reuniu cientistas, juristas, educadores, políticos e entusiastas. A eugenia gerenciou os conceitos sobre hereditariedade na espécie humana, ao mesmo tempo que incorporou novas ideias de políticas públicas, que contribuiriam para selecionar os indivíduos indesejados. (Stepan 1996, 1)

O movimento eugênico adquiriu contornos próprios em diferentes países. Nos Estados Unidos, Charles Davenport distribuiu questionários familiares a fim de reunir informações a respeito da hereditariedade de “anormalidades” como albinismo e polidactilia, ou de doenças como a epilepsia. O cientista contava com um orçamento milionário concedido pela Carnegie Institution of Washington para realizar estudos experimentais sobre hereditariedade que ultrapassava a verba de pesquisa de várias universidades.³ Na Inglaterra, Karl Pearson coletou dados em hospitais, escolas e residências, que serviram para analisar a hereditabilidade de doenças e a aptidão científica e comercial dos indivíduos⁴. No Quênia, o movimento eugênico contou com apoio de políticos, diretores de escolas, médicos, jornalistas e outras personalidades influentes que propuseram medidas para aprimorar a população do país. (Campbell 2010, 289-298)

A eugenia foi apropriada por classes sociais e refletiu em muitos casos a perspectiva das elites. A África do Sul foi um bom exemplo de tal política, uma vez que a minoria branca se baseou em argumentos “científicos” para a manutenção de sua situação privilegiada no poder do país. Saul Dubow percebeu a tentativa do movimento eugênico sul-africano de estabelecer barreiras de identidades étnicas e raciais, ao mesmo tempo que estabelecia camadas hierárquicas dentro da

³ Charles Davenport, principal nome da eugenia nos Estados Unidos, dirigiu um centro de estudo da eugenia em Cold Spring Harbour no estado de Nova York. Realizou estudos que aplicavam as teorias de Mendel nos seres humanos. Davenport influenciou e formou uma geração de eugenistas e foi responsável por organizar o segundo e o terceiro congresso internacional de eugenia em Nova York. (Kevles 1995, 45)

⁴Karl Pearson, um dos fundadores da escola biométrica na Inglaterra, utilizou estatísticas para analisar a hereditabilidade de doenças. Pearson dirigiu o Departamento de Estatísticas Aplicadas da University College de Londres e contribuiu para o diálogo da eugenia com outras áreas de estudo. (Kevles 1995, 38-39)

sociedade. As ideias trazidas de fora foram absorvidas e devidamente aplicadas de acordo com o contexto local. (Dubow 1995, 286)

A difusão da eugenia ocorreu por meio do estabelecimento de redes entre os cientistas e da aprovação de políticas públicas. O repertório⁵ da eugenia incluía a intensa troca de cartas com cientistas de outros os países, a formação de redes transnacionais entre esses médicos e pesquisadores, a participação em sociedades eugênicas internacionais, a formação de associações nacionais, a divulgação em jornais científicos e de grande circulação, o contato com políticos e a apresentação de propostas de políticas públicas dentro dos preceitos eugênicos. Esse repertório foi reproduzido frequentemente em diferentes lugares, mas houve variações dentro de cada conjuntura.

Os eugenistas frequentemente noticiavam os avanços cometidos em outros países para reforçar a noção de que havia um esforço internacional a favor da melhora de suas populações. Charles Davenport, por exemplo, trocava correspondências com cientistas de diferentes países do mundo. Ele discutiu com o professor dinamarquês Soren Hansen a possibilidade de trocar dados e estudos (Resposta de Charles Davenport 1925, 1), mostrou entusiasmo pelo apoio do governo alemão à eugenia (Carta de Charles Davenport a Leonard Darwin 1922, 1 e 2) e capitaneou propostas de criar um código pan-americano de eugenia e hominicultura. Davenport queria orquestrar um movimento eugênico internacional. Outros eugenistas ao redor do mundo também buscaram estreitar laços com colegas estrangeiros, como foi o caso dos médicos da América Latina, que discutiremos a seguir.

Eugenia latino-americana

O médico argentino Victor Delfino⁶ e o seu colega brasileiro Renato Kehl⁷ pensaram a eugenia dentro de uma coletividade científica latino-americana. Os dois autores reproduziram parte do repertório anteriormente descrito: trocaram correspondências, fundaram sociedades eugênicas e participaram de congressos internacionais. Eles compartilhavam um projeto comum de construir um movimento eugênico latino-americano. Victor Delfino, por exemplo, recebeu com entusiasmo a publicação do “Annaes de Eugenia”, primeira publicação do gênero na América do Sul e deixou

⁵ O conceito de repertório utilizado compreende um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e colocadas em prática por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. O conceito consegue conviver com as variações no interior de uma mesma conjuntura. Para saber mais sobre o conceito, ler: (Alonso 2009, 58)

⁶ Victor estudou Ciências Naturais, Física e Matemática na Universidade de La Plata. Demonstrou interesse por diversos temas como biologia, criminologia, química e astronomia. Delfino foi vice-presidente do Segundo Congresso de Eugenia em 1921 e membro da Comissão Permanente de Eugenia com sede em Bruxelas.

⁷ Renato Kehl era formado em Farmácia pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e resolveu estudar medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910. Nesta instituição teve contato com a eugenia e foi o principal nome do movimento eugênico brasileiro.

clara a sua satisfação em uma correspondência enviada a Kehl. Na mesma carta, o médico trouxe boas notícias do colega peruano Carlos Enrique Paz Soldán, que em breve indicaria um nome de algum amigo chileno para iniciar o “movimento eugênico” naquele país. (Carta Victor Delfino a Renato Kehl 1919)

Renato Kehl também reconhecia os esforços de Victor Delfino em prol da eugenia e demonstrou essa admiração na sessão da Sociedade Eugênica de São Paulo realizada em abril de 1919. O médico brasileiro aproveitou a mesma ocasião para informar as tentativas do médico peruano Paz Soldán de fundar uma instituição semelhante no Peru. O movimento eugênico estaria, segundo Kehl, ganhando força entre os “países irmãos”. Foi aprovado nesta mesma ocasião a nomeação de Victor Delfino e de Carlos Enrique Paz Soldán como membros honorários da instituição. (Sociedade Eugênica de São Paulo, 1919)

A sessão conduzida por Renato Kehl na reunião da Sociedade Eugênica de São Paulo revela dois passos importantes percorridos pelo movimento eugênico sul-americano, o estabelecimento de redes de contatos e formação de sociedades eugênicas. A inclusão de membros de outros países na sociedade tinha o intuito de conferir respeitabilidade ao movimento e ao mesmo tempo destacar a difusão internacional da eugenia. A necessidade de alinhar os esforços brasileiros e argentinos, por exemplo, a uma jornada internacional reforçava a noção de urgência do tema que estaria sendo encarado como uma prioridade por vários países naquele momento.

Renato Kehl continuou interessado em difundir a eugenia na América Latina e pediu a Paz Soldán o contato de eugenistas no México e em Cuba. Kehl demonstrou interesse em fundar uma organização continental de estudos eugênicos com o objetivo de reunir países que possuíssem em comum “grandes extensões e problemas raciais de dificuldade e complexidade desconcertantes”. Os problemas eugênicos sul-americanos deveriam ser definidos, estudados em comum e as soluções deveriam ser publicadas em revistas que seriam fundadas com esse intuito. (Carta de Paz Soldán a Renato Kehl 3/1919) Renato Kehl acreditava que os países do continente por terem problemas semelhantes poderiam encontrar soluções viáveis para a aplicação da eugenia em suas respectivas realidades.

Renato Kehl desempenhou um papel essencial no desenvolvimento do projeto de criação de uma organização continental de divulgação da eugenia. O historiador Vanderlei de Souza destacou que o médico brasileiro estava na liderança do movimento (Souza 2006, 87), mas seria mais sensato destacar Kehl como um dos líderes, que, junto a Victor Delfino e Carlos Enrique Paz Soldán, nutriram o sonho de uma organização continental. O médico argentino e o seu colega peruano tinham muitos contatos internacionais, o que seria essencial para a extensão do movimento eugênico para outros países do movimento.

Paz Soldán foi um importante catalisador dessa integração continental, pois gozava de grande influência no meio acadêmico e o médico utilizou de suas redes de contato para realizar o sonho de uma “América do Sul eugênica”. Paz Soldán acreditava que seu bom relacionamento com acadêmicos venezuelanos asseguraria um movimento em favor da eugenia naquele país. O médico enviou uma carta intitulada *Eugenización de la América* à Academia de Medicina de Caracas, da qual era membro correspondente, solicitando que a associação encabeçasse um movimento eugênico americano e formulasse um plano geral de trabalhos. (Carta de Paz Soldán a Renato Kehl 4/1919) A academia aceitou patrocinar um esclarecimento eugênico da América que serviria como um prelúdio para o intenso trabalho de eugeniização. Paz Soldán esperava com ansiedade a realização de um congresso eugênico que daria as bases futuras para “uma pátria (sul-americana) comum e eugenizada”. (Carta de Paz Soldán a Renato Kehl 11/1919)

A formação de uma sociedade continental era vista como um ponto crucial para a concretização de um projeto eugênico mais ambicioso que culminasse na aprovação de políticas públicas. Carlos Enrique Paz Soldán demonstrou entusiasmo com a criação da *Sociedad Eugénica Argentina*, pois traria uma contribuição para os demais povos do continente. Segundo ele, chegaria o momento em que a América ocuparia o posto privilegiado na História do Mundo, lugar este reservado aos trabalhadores. (Sociedad Eugénica Argentina, 1918).

As associações cumpriam um papel claro de pesquisa e divulgação das propostas do movimento e, por meio delas seria realizado “o estudo e a aplicação das questões de herança, descendência e evolução para a conservação da melhora da espécie humana”. Deveriam ser estudados uma série de variáveis como a influência do meio, o estado econômico, a legislação entre outros pontos que se relacionariam com a eugenia. Caberia às organizações pesquisar, entender as variáveis e realizar “a divulgação entre o público dos conhecimentos eugênicos, para o bem-estar do indivíduo, das coletividades e das gerações futuras.” (Kehl 13/3/1919, 276)

A fundação de organizações era uma peça importante do repertório dos eugenistas. Renato Kehl entendia a relevância de contar com nomes internacionais nas associações, entrelaçando cientistas de diferentes partes do mundo. A eugenia precisaria de uma junção de diferentes fatores para vencer na América Latina. A solução, segundo Kehl, exigia “contrabalancear os esforços desenvolvidos pelos norte-americanos e ter o auxílio de nomes de valor como Forns, Delfino e Paz Soldán, para concertar com Davenport, Ploetz, March e Houssay.” (Kehl 13/3/1919, 277) O movimento científico/social da eugenia pensado pelo médico brasileiro era internacional e entendia que o caminho do sucesso deveria unir pesquisas dos cientistas estrangeiros e os esforços de célebros sul-americanos no diálogo com os grandes nomes da eugenia internacional.

Delfino e Carlos Enrique Paz Soldán foram os únicos correspondentes estrangeiros a integrarem a Sociedade Eugênica de São Paulo. A admissão de um novo membro dependia da assinatura de dois sócios e do pretendente e a admissão seria efetivada após a aprovação do novo membro em assembleia. (Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo, Fundo Renato Kehl) Renato Kehl propôs a inclusão de Victor Delfino como membro e, segundo Antonio Vieira de Carvalho, a sugestão obteve o assentimento unânime da direção da sociedade, que homenageou o médico argentino na sessão pelo seu trabalho a favor da eugenia. (Distinción honorífica 17/4/1919, 414)

Renato Kehl serviu como ponte entre os eugenistas brasileiros e sul-americanos e uma referência na região. Cientistas dos países vizinhos se corresponderam com o médico brasileiro para desenvolverem a eugenia nos seus países. Luis Zanotti Cavaziani foi um dos autores que recorreu a Kehl para obter informações necessárias para a fundação de uma associação eugênica. Cavaziani procurou outros intelectuais a fim de fundar a Sociedade Eugênica do Paraguai. Segundo Vanderlei Souza, o autor paraguaio requisitou os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo para servirem de modelo para a elaboração do regimento da sociedade de seu país. (Souza 2006, 89)

No Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, Renato Kehl fez um balanço do desenvolvimento da eugenia no Brasil, escrevendo algumas páginas sobre a Sociedade Eugênica de São Paulo.⁸ Entre as conquistas obtidas pela sociedade estava o seu importante papel na construção de outros “núcleos eugenizadores entusiastas em alguns países sul-americanos”. Segundo ele, Victor Delfino já era conhecido pelo seu trabalho na Argentina, no entanto a eugenia ganhou força no país platino após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. De acordo com o eugenista, a organização paulistana teria incentivado alguns autores como Stucchi (Córdoba/ARG) e Coni (Buenos Aires) e os peruanos Carlos Enrique Paz Soldán e Honório Delgado a tomarem a dianteira da propaganda eugênica nos seus países. Kehl destacou ainda que o mesmo entusiasmo poderia ser verificado em outros países sul-americanos, que se correspondiam com ele. (Kehl 1929, 56)

O Boletim de Eugenia, fundado em 1929, manteve os laços sul-americanos da eugenia ao publicar autores do continente. A dra Pauline Luise de Montevideu publicou um texto sobre educação sexual, os argentinos Victor Delfino e Leopoldo Bard escreveram sobre certificados pré-nupcial. Essas redes eram alimentadas pela participação desses médicos em associações internacionais. Renato Kehl participou da Academia Nacional de Lima e da Sociedade de Eugenia do México e publicou artigos em periódicos editados por Victor Delfino - *La Semana Médica* e *La*

⁸ O congresso de eugenia realizado em São Paulo foi um marco importante, pois reuniu figuras importantes do movimento do Brasil e de outros países da região. Para saber mais sobre o evento consultar: Souza 2006 e Stepan 1996.

Medicina Argentina –, e nas revistas *Hijo Mío* e *Viva Cien Años*. Kehl acompanhou a publicação de outros cientistas da região como Emílio Coni e a argentina Raquel Camaña, cujo livro seria um bom exemplo de eugenia positiva. (Kehl 1922, 28-29, 74-76 e 256)

Vários livros de Kehl como “Conducta” e “Porque sou um eugenista?” foram traduzidos para o espanhol. Kehl se correspondeu com Israel Castellanos de Cuba, de quem teria recebido uma cópia de seu livro sobre a delinquência contra a mulher em Cuba, vencedor do prêmio Lombroso de Turim. (Carta de Israel Castellanos a Renato Kehl, 1930). Outros cientistas como Alfredo M. Saavedra, eugenista mexicano, Guillermo Uribe Cualla de Bogotá, Guillermo Francovich da Bolívia, Octavio Jiménez y Jiménez de Guaiacuil e Waldemar E. Courts, médico chileno que participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, também se corresponderam com ele. (Fundo Renato Kehl, Caixa 3)

Em 1935, a então recém-fundada *Sociedad Nacional de Eugenesia* do Uruguai entrou em contato com a Embaixada do Brasil em Montevideú manifestando interesse em estabelecer relações com autoridades semelhantes no Brasil. A nova sociedade procurava estabelecer um intercâmbio através da troca de trabalhos, estudos e ensinamentos, conseguindo uma obra útil “ao aperfeiçoamento da raça e proliferação da vida nos dois países.” (Silva 2008, 55) A carta foi endereçada a Renato Kehl, que era automaticamente identificado como figura de relevância no assunto.

Victor Delfino também foi correspondente de inúmeras associações em todo mundo e de várias outras na América Latina. Entre elas, participou das Academias de Medicina do Rio de Janeiro, Lima, México, Caracas; da Academia de Ciências de Cuba, da Sociedade de Amantes da Ciência de Lima, da Sociedade Nacional de Temperância de Lima, foi membro da Faculdade de Ciências Físicas e Naturais da Universidade de São Marcos (Lima), foi professor honorário da Universidade de Manaus e colaborou com a Direção de Estudos Biológicos da República Mexicana. O cargo de editor-chefe do jornal *La Semana Médica* ajudou Victor Delfino a estabelecer redes de conexão com os cientistas de diversos países, sendo que muitos deles também dirigiam publicações. (Silva 2008, 74)

Os contatos estabelecidos pelo médico eram fortalecidos pelo uso da sua posição de editor para a divulgação da eugenia e dos autores mais próximos. Renato Kehl, por exemplo, recebeu destaque no jornal *La Semana Médica*, e teve vários de seus livros resenhados por Victor Delfino. Kehl era descrito como um médico de vasto conhecimento, adquiridos ao longo dos anos a frente da Inspeção de profilaxia de lepra e das enfermidades venéreas. (O Perigo Venéreo 17/11/1921) O livro “Como escolher um bom marido” do cientista brasileiro seria um dos mais importantes

trabalhos de eugenia, ao sugerir normas de escolha de um marido que beneficiariam a prole. (Como escolher um bom marido 3/4/1924)

O livro “A Fada Hygia” foi descrito como uma obra realmente original diferente de outros livros do gênero escritos por americanos, alemães e suíços. A obra passaria os ensinamentos mais elementares da higiene pública e privada relatados através de contos, histórias e diálogos animados escritos “com frases curtas e doutrinárias”, perfeito para o aprendizado das crianças. Delfino torcia para que o livro recebesse uma versão para o espanhol, o que ajudaria os jovens da “América” a aprender preceitos básicos da higiene que não eram ensinados nas escolas comuns. (Fada hygia Janeiro de 1925) Renato Kehl agradeceu as palavras e sugeriu que Delfino fizesse a versão espanhola. (Carta de Victor Delfino A Renato Kehl 12/03/1925)

O bom relacionamento com Victor Delfino possibilitou a Kehl a publicação de vários artigos originais no periódico *La Semana Médica*.⁹ Esses textos tratavam das associações eugênicas, da relação da ciência de Galton com o darwinismo social, dos resultados da guerra nas populações nacionais e dos fins da eugenia. Delfino ofereceu a Kehl colunas no periódico *Revista Científica Argentina*, que mais tarde mudaria o nome para *La Medicina Argentina*, no qual ele também era editor-chefe. O convite foi aceito pelo médico brasileiro. (Carta de Victor Delfino A Renato Kehl 12/03/1925) Kehl publicou quatro textos no jornal durante a direção de Delfino. O médico argentino aproveitou o seu período como editor do jornal para criar a seção “Eugenica”, onde publicava textos dele e de outros autores como o inglês Leonard Darwin. (Silva 2008, 740)

A eugenia serviu como teoria comum que ligou vários cientistas dos países latino-americanos como Delfino, Kehl e Paz Soldán, que buscavam expandir os conhecimentos eugênicos e criar um movimento sul-americano. Paz Soldán propôs instituições e publicações comuns, enquanto Delfino incentivou a veiculação de artigos escritos por brasileiros, principalmente Renato Kehl, em periódicos médicos argentinos. Kehl pensou numa sociedade eugênica que envolvesse cientistas proeminentes do continente. As cartas mostram a formação de uma rede intelectual que envolvia vários países do continente e pensadores europeus. Nessas correspondências eles trocam referências e endereços de importantes médicos estrangeiros. Paz Soldán enviou o endereço de Luis Huerta, importante eugenista espanhol, com quem Renato Kehl estabeleceu contato e para quem enviou artigos. O autor espanhol publicou no Boletim de Eugenia, periódico editado pela Sociedade Eugênica de São Paulo. (Carta de Renato Kehl A Carlos Paz Soldán 10/12/1928)

⁹ Renato Kehl teve cinco textos publicados no *La Semana Médica* entre 1918-1926 sendo que todos tratavam da eugenia. Kehl ainda figurou como um dos principais autores brasileiros no periódico *La Medicina Argentina* coordenado por Victor Delfino entre 1926-1935, com três textos publicados.

Os eugenistas latino-americanos estabeleceram uma série de contatos que serviam para aumentar o diálogo com os cientistas do continente, trocar experiências e abrir novas possibilidades de publicação na Europa. O projeto era claro: construir uma associação sul-americana que trocasse informações, realizasse pesquisas, divulgasse a ciência e aprovasse políticas públicas. O entusiasmo com o futuro, as conexões internacionais e o projeto de uma eugenia sul-americana não foram os suficientes para concretizar uma organização que abarcasse todos esses pensadores. O movimento eugênico como um todo falhou em construir políticas internacionais que unissem uma quantidade relevante de países. O movimento social enfrentou empecilhos para concretizar um projeto internacional robusto e abrangente. Nas próximas páginas, levantaremos alguns desses empecilhos enfrentados para a internacionalização da eugenia.

Movimento eugênico como um ator internacional

A perspectiva realista da Teoria das Relações Internacionais entende o Estado como o ator único das relações internacionais, que deve atuar dentro de uma estrutura onde impera o permanente conflito entre os Estados. A ausência de uma força supranacional que consiga conter os Estados contribuiria para criar um ambiente anárquico, recriando um cenário aos moldes do pensamento hobbesiano. Prevaleceria, portanto, um clima de incerteza e de conflito contínuo de todos contra todos, que lembraria o estado de natureza pré-civilizacional e estatal do pensamento de Thomas Hobbes. Existiria uma ordem, onde prevaleceria o interesse dos Estados mais poderosos e influentes. (Olsson 2015, 50)

O realismo ainda exerce grande influência no campo de estudo da Teoria das Relações Internacionais, contudo entendemos as relações entre os países nesse artigo por uma outra perspectiva. Compreendemos que existe uma interdependência complexa na qual diferentes atores interagem e influenciam as tomadas de decisões. O paradigma construtivista estabelece que as ideias importam mais do que “ouro e tanques”. A relação entre os agentes internacionais ocorre por meio da cooperação, “em jogos em que a soma não é zero, porque vários atores possuem poder, e o exercício construtivo e convergente deles produz um aumento do poder do âmbito coletivo”. (Olsson 2015, 53)

Os indivíduos, as empresas transacionais, as organizações internacionais não governamentais e os movimentos sociais, por exemplo, exercem protagonismo dentro de muitas discussões em foros internacionais. Esses atores globais não estatais apresentam novas

modalidades de governança¹⁰ internacional que atuam em conjunto ou, em alguns casos, independentemente dos Estados. O processo de elaboração de políticas públicas não são ações exclusivas dos Estados e a atuação cada vez mais frequente de outros atores internacionais tem alargado o campo de possibilidades.

O movimento eugênico pode ser percebido como um movimento social com claro objetivo de discutir, propor e colocar em prática políticas públicas que tragam mudanças no âmbito internacional. Consideramos esse movimento, portanto, como um ator internacional que buscou intensamente, em especial nas décadas de 1920 e 1930, construir uma frente internacional que colocasse em prática legislações que garantissem a reprodução dos indivíduos mais “bem nascidos” e impedissem, em alguns casos, a proliferação da prole das pessoas consideradas pouco aptas.¹¹

As palavras entusiasmadas discursadas por C.E.A Bedwell no Segundo Congresso de Eugenia eram compartilhadas por grande parte dos eugenistas que se percebiam como missionários de uma ciência responsável pela melhora da herança, da descendência e da evolução da humanidade. Muitas associações internacionais surgiram nesse contexto com o intuito de discutir no âmbito das nações a eugenia. Três congressos internacionais de eugenia – Londres (1912) e Nova York (1921 e 1932) reuniram médicos e pesquisadores de diferentes lugares. Os encontros eram organizados pelo Comitê Permanente Internacional de Eugenia criado no primeiro encontro e que mudaria de nome em 1925 para Federação Internacional das Organizações Eugênicas (IFEO).

A IFEO planejava encontros internacionais, reunia artigos e pesquisas e intermediava o contato entre cientistas de diferentes lugares do mundo. Os encontros serviam para a discussão de temas como hereditariedade e miscigenação das raças, mas também proporcionavam a divulgação dos debates da eugenia em diferentes países do mundo. A última parte do relatório da 9ª Conferência da IFEO buscou trazer relatos sobre a eugenia no mundo. Dentre os temas destacam-se breves exposições de 12 países sobre o trabalho da eugenia ou os efeitos disgênicos da guerra; relatos das ações eugênicas na Tchecoslováquia, Finlândia, África do Sul, Holanda, Alemanha e Áustria; e a pesquisa de renomados cientistas nos Estados Unidos, Noruega e na França. (International Federation of Eugenic Organizations 19/3/1932, 431) Esses encontros traçavam um panorama mundial e contribuía para a troca de experiências.

¹⁰ A governança no espaço global é cada vez mais exercida por atores e entidades não estatais, isto é, por indivíduos e coletividades diversas que não se restringem à figura do Estado. A governança não precisa mais da presença de um Estado, podendo ser exercida por entidades não estatais como entidades não estatais e indivíduos. (Olsson 2006)

¹¹ A eugenia positiva procurou promover a reprodução dos indivíduos considerados mais “eugenizados”. No Brasil, medidas como a educação higiênica, os certificados de casamentos e saneamento das habitações se enquadravam nessa perspectiva. A eugenia negativa encorajava os indivíduos menos eugênicos a reproduzirem em menor quantidade ou, até mesmo, a não se reproduzirem. A esterilização foi uma prática defendida por alguns cientistas.

As associações regionais também surgiram nesse contexto, servindo em alguns casos como ferramenta de projeção de poderes de algumas nações. Duas organizações cumpriram essa função no continente americano. A “Associação Pan-Americana de Eugenia e Homincultura” e a “Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia” tiveram como objetivo aumentar a influência dos Estados Unidos, no caso da primeira, e da França e Itália, no caso da segunda, entre os países latino-americanos. A última sociedade mencionada tinha como interesse unir os diferentes países da “latinos”, que supostamente teriam olhares comuns para a eugenia, em contraponto à ciência produzida pelas nações de origem anglo-saxã. (Stepan 1996, 189-192) A Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenesia e Medicina Social fundada na década de 1930 teve forte influência do médico italiano Nicola Pende.¹²

Os planos dos eugenistas eram ambiciosos. C.E.A Bedwell defendia, por exemplo, que a eugenia fosse introduzida dentro da O.I.H.P¹³ (International Health Office), uma das primeiras organizações internacionais de cooperação no campo da saúde. Bedwell destacou a possibilidade de se discutir assuntos como imigração, relações da eugenia com o Estado e a educação eugênica da sociedade dentro de um fórum multinacional. Estudos coordenados de eugenia poderiam mostrar, por exemplo, quais miscigenações resultariam em melhoras populacionais, contribuindo para que alguns povos alcançassem os níveis de desenvolvimento de outras raças. A integração do Congresso Internacional de Eugenia e da O.I.H.P poderia culminar em uma grande contribuição para o progresso da humanidade. (Bedwell 1922, 188)

O movimento eugênico conseguiu uma grande projeção nas décadas de 1920 e 1930 e obteve grandes conquistas no âmbito interno. A *Eugenics Education Society* juntou forças com *National Association for the care of the Feeble-minded* para exercer pressão sobre o Parlamento Britânico com o intuito de aprovar resoluções sobre deficiência mental. (Kevles 1995, 98-99) O Brasil passou leis que limitavam a imigração e impactavam a entrada de japoneses, tendo como embasamento argumentos eugênicos. (Lesser 2001, 153-211) A esterilização voluntária nos Estados Unidos foi realizada em 15 estados entre 1907 e 1917 (Kevles 1995, 100). A eugenia foi encampada pelo

¹² Fundada sob os auspícios do governo federal, a Sociedade nasceu com aspirações de ser o órgão responsável pela coordenação das inúmeras organizações e instituições dedicadas ao cuidado das crianças, higiene e saúde. O “melhoramento” da raça argentina estava entre os principais objetivos do governo, que financiava uma instituição. Para saber mais, leia: Miranda e Vallejo, 2004 e Nari, 1999.

¹³ O texto de Bedwell utilizou o termo “International Health Office” no parágrafo seguinte à proposta de associar a eugenia à Liga das Nações. A instituição mencionada, no entanto, não se refere à Organização da Saúde da Liga das Nações. De acordo com Howard Jones, o “International Health Office” era o equivalente ao Office International d’Hygiene Publique (O.I.H.P.) sediado em Paris. A O.I.H.P, fundada em 1907, não foi incorporada pela Liga das Nações, pois alguns dos seus países membros não faziam parte da Liga. A O.I.H.P atuou, no entanto, muito perto de outras instituições de saúde da Liga das Nações.

governo alemão com a aprovação de medidas como esterilização forçada e certificado de casamentos (Weiss 1990, 40-50).

As aprovações dessas medidas eram comemoradas dentro do movimento. Renato Kehl elogiou o uso da esterilização como recurso profilático nos Estados Unidos, pois garantiria que a multiplicação de indivíduos “infelizes e indesejáveis” deixaria de acontecer. (Kehl 1924) A aprovação, contudo, de medidas no campo internacional não obteve o mesmo sucesso. Os planos de Bedwell de incorporação da eugenia em associações de âmbito global não foi bem-sucedido. O movimento eugênico enfrentou algumas barreiras para a aprovar medidas no campo internacional

Obstáculos para a internacionalização da eugenia

A internacionalização da eugenia e a proposta de criação de uma organização internacional que reunisse as sociedades de diferentes países aconteceram em um momento em que os países estavam mais cautelosos no âmbito econômico e, de maneira geral, mais preocupados com questões internas. A crise do liberalismo e a ascensão do nacionalismo contribuíram para que muitos países se fechassem, impactando no comércio internacional que declinou no período entre guerras. A iniciativa de formar a Liga das Nações – uma instituição internacional que reunisse os países do mundo –, foi enfraquecida com a negativa dos Estados Unidos de entrarem na organização. Brasil, Alemanha e Japão também deixaram a instituição ao longo das décadas de 1920 e 1930. (Cervo e Bueno 2002, 221-228)

Charles Davenport buscou levar a eugenia para a pauta de discussões da Liga das Nações. O cientista propôs primeiramente que o tema da migração e a sua regulação fosse adotado como um assunto de grande importância dentro da instituição, sendo abordado nas conferências de paz realizadas após a Primeira Guerra Mundial. Davenport pressionou Dame Rachel Crowdy, a chefe de seção de Assuntos Sociais e Tráfico de Ópio da Liga das Nações, a considerar a eugenia como uma subseção dentro do seu setor. Crowdy demonstrou certo interesse, mas a questão não progrediu nas organizações de saúde da instituição (Bashford 2010, 160-161)

Em uma outra tentativa, Davenport argumentou que a regulação da imigração de acordo com os preceitos da eugenia promoveria a harmonia entre as nações e contribuiria para o bem comum. A objeção para a inclusão das regulações sobre a imigração, surgiu nesse caso, da forte oposição do representante japonês na instituição, Inazo Nitobé. O diplomata discordava do ponto de vista defendido por Davenport de que o progresso do mundo seria acelerado pelo destaque à diferença das raças. Ele não concordava com as teorias de Gobineau e duvidava da base científica dessas afirmações. (Bashford 2010, 161)

O diplomata nipônico ocupava uma posição de destaque na Liga das Nações, assumindo uma posição proeminente como porta-voz da instituição. Nitobé incomodava-se com a crescente hostilidade sofrida pelos japoneses na Califórnia, que culminaria com a proibição da entrada deles nos Estados Unidos após a aprovação da lei de imigração de 1924. A legislação aprovada em Washington limitava a entrada de imigrantes por nacionalidade tendo como base o número de estrangeiros que entraram no país nas décadas anteriores. O cálculo atingia diretamente os japoneses e outros grupos indesejados. Uma legislação semelhante foi aprovada no Brasil em 1934 com o mesmo objetivo, barrar a entrada de nipônicos no país. (Lesser 2001, 153-211) O diplomata buscou usar a sua influência para advogar pelos seus conterrâneos, refutando as teorias raciais que estigmatizavam e inferiorizavam os asiáticos. (Snipes 2011)

A objeção de Nitobé revela as dificuldades da internacionalização da eugenia nas organizações internacionais. O discurso da eugenia era excludente e selecionava grupos étnicos em detrimento de outros. A proposta vinha de potências com grande projeção internacional, impérios, e em algumas situações eram vistas como um exemplo do imperialismo. O diplomata japonês já atuava contra a campanha difamatória dos seus conterrâneos nos Estados Unidos e rapidamente identificou as agendas presentes dentro do discurso eugênico. Optou por usar a sua influência dentro da Liga das Nações para barrar o avanço dessa ciência dentro de um órgão multilateral.

Medidas mais polêmicas propostas pelo próprio Davenport também encontrariam objeção dentro da América Latina. Davenport defendeu a criação do Escritório Central Pan-americano de Eugenia e Homicultura na década de 1920 com sede em Havana. O instituto seria capitaneado pelo seu colega cubano Domingo Ramos e teria como objetivo coordenar e promover a eugenia em todas as Américas. A instituição sediou a primeira conferência em 1927 na capital cubana, que contou médicos importantes como Davenport e Paz Soldán. Os principais delegados eram, contudo, diplomatas lotados em Havana. (Schell 2010, 479)

O médico peruano era um grande entusiasta da formação de um movimento eugênico latino-americano propulsionado por uma associação regional. (Carta de Paz Soldán a Renato Kehl 4/1919) Paz Soldán não acolheu, contudo, a proposta de um Código de Eugenia e Homicultura apresentado por Ramos com o apoio de Davenport. O documento determinava que todos os indivíduos fossem obrigados a contribuir na investigação biológica da população e as pessoas seriam divididas em três categorias “bom”, “mal” e “suspeito”. Aqueles que se encaixavam na última categoria deveriam ser isolados, segregados ou esterilizados. (Project of Panamerican Code 1927, 12)

A imigração seria, de acordo com a proposta, guiada por essa classificação e os indivíduos classificados como bons estariam avalizados, do ponto de vista biológico, a imigrarem. As nações

teriam o direito de realizar uma pesquisa biológica completa dos indivíduos que estivessem dispostos a entrar no seu território, podendo proibir ou limitar o tempo de residência dessas pessoas. Os nacionais de países que não se comprometessem com essa investigação poderiam ser proibidos de imigrar. O código propunha ainda que todas as nações da América aprovassem e aplicassem leis que proibissem a entrada de indivíduos classificados como mal ou suspeito, pois assim manteriam a pureza das raças. (Project of Panamerican Code 1927, 13)

O projeto de Ramos e Davenport não incluía as populações indígenas, africanas e asiática e, por isso não obteve a resposta esperada pelos congressistas. Paz Soldán argumentou que a ciência ainda não era capaz de rotular os imigrantes e a tentativa de fazê-lo era autoritária. O médico acreditava que a miscigenação fortaleceria o país ao invés de enfraquecê-lo. (Stepan 1996, 180-181) O mexicano Rafael Santamartina negou a inferioridade das populações indígenas e garantiu que o seu país estava aprimorando a sua população por meio da educação e do controle do trabalho infantil. As medidas de esterilização foram duramente rejeitadas pelos representantes da Argentina e da Costa Rica. O compromisso dos países se limitou aos certificados pré-nupciais, que investigavam o passado dos cônjuges. O código tinha um tom impositivo e algumas das suas medidas passaram como recomendações aos países membros. (Schell 2010, 479)

A rejeição do Código revela uma das grandes limitações da adoção da eugenia dentro de fóruns internacionais mais abrangentes. Medidas de restrição de imigração pautadas na raça e de categorização da população entrava claramente em choque com importantes questões da identidade nacional e da soberania dos países de decidir sobre esses assuntos. O médico peruano condenou as propostas do código como uma fantasia e previu conflitos políticos e batalhas como resultado dessa política. Paz Soldán identificou sinais de imperialismo na proposição como consequência da retomada da questão racial. (Stepan 1992, 205)

A recusa capitaneada pelo médico peruano se assemelha ao protesto realizado pelo diplomata japonês, pois os dois posicionamentos enxergavam as intenções imperialistas subentendidas dentro do projeto de internacionalização da eugenia. A hierarquização das raças e a divisão de povos entre bom e mal abrem caminho para a imposição de políticas internacionais que favorecem certos países e colocam outras nações no estado de submissão.

As organizações internacionais de eugenia refletiam a assimetria de poder das relações internacionais, uma vez que os países mais ricos ditavam as ordens dentro das instituições. O orçamento disponível para a realização de pesquisas sobre o tema nos Estados Unidos ultrapassava o dinheiro investido em grande parte do mundo. Charles Davenport, o dono do cofre, estruturava os encontros internacionais de acordo com o seu interesse. O segundo e o terceiro congresso de

eugenia foram realizados em Nova York com os recursos fornecidos pelo Carnegie Institute. Tal posição concedia poder para se determinar quem poderia falar e quais temas seriam pautados.

Um levantamento dos textos publicados no relatório do Segundo Congresso de Eugenia em 1921 revela a assimetria de poder desses encontros. O relatório foi dividido em dois volumes, que continham 106 artigos previamente apresentados e discutidos na reunião. Representantes de dez países publicaram, sendo que a esmagadora maioria dos trabalhos tinham sido produzidos nos Estados Unidos, 77, seguidos da Inglaterra com 12 trabalhos, da França e da Itália com 4, da Tchecoslováquia com 3, da Noruega com 2 de Escócia, de Cuba, da Índia e de Túnis (ainda uma possessão francesa) com 1 texto publicado. (Reports of the second 1923, 410-414)

O levantamento mostra que nem todo mundo era convidado para falar no congresso. Domingo Ramos foi o único representante da América Latina a falar no encontro graças ao contato próximo com Charles Davenport com quem compartilhava projetos em comum como o Código mencionado anteriormente. O congresso era guiado de acordo com os interesses dos cientistas dos Estados Unidos e da Inglaterra. Os convites para o congresso tinham sido enviados pelo *State Department* – órgão responsável pelas relações exteriores dos Estados Unidos –, para diferentes lugares do mundo. (Black 2021, 465)

A interação entre os interesses de Estado e o movimento eugênico trouxe receios entre os próprios cientistas. Nacionalismos e rivalidades entravam no meio de discussões que, pelo menos na teoria, nutriam um caráter neutro e científico. O presidente da Sociedade Alemã de Higiene Racial, Kishul, escreveu para Leonard Darwin, o líder da *Eugenics Education Society* de Londres, em 1923 para agradecer e declinar o convite para que a sua sociedade participasse de decisões futuras da Comissão Internacional para a Eugenia. A organização alemã concordava com os princípios da ciência, mas não se sentia confortável em sentar em uma mesa de negociação ao lado de representantes franceses e belgas. (Carta da Germany Society of Racial Hygiene 1923, 1)

Os cientistas dos dois países europeus representariam governos que, segundo o médico alemão, tinham violado o Tratado de Versalhes e cometido atrocidades diárias contra o “inocente e indefeso” povo alemão. Esta situação tornava impossível que qualquer cidadão alemão “decente” sentasse na mesma mesa que representantes dos governos francês e belga. A cooperação dos representantes alemães à Comissão Internacional de Eugenia poderia ser reestabelecida assim que essas dificuldades desaparecessem e a situação na região do rio Ruhr voltasse ao normal. (Carta da Germany Society of Racial Hygiene 1923, 1)

Nacionalismo, interesses nacionais, rivalidades pós-guerra, autonomia e identidades locais apresentaram obstáculos para que o movimento eugênico conseguisse aprovar medidas e propostas que englobassem uma boa quantidade de países. O sucesso desse movimento social dentro das

fronteiras nacionais dificilmente seria repetido no âmbito internacional. Houve a difusão dos preceitos da eugenia pelo mundo e a propagação dessas ideias pode ser em grande parte creditada à capacidade da adaptação em diferentes realidades. A “ciência de Galton” conseguiu se encaixar em diferentes projetos nacionais dentro da ampla proposta de melhora das populações nacionais.

Considerações Finais

O entusiasmo identificado no movimento eugênico enfrentou barreiras para a aprovação de medidas nos grandes fóruns de decisão. O movimento não conseguiu agir como um ator internacional que concatenasse a aprovação de políticas públicas em vários países, tampouco em organizações internacionais. A eugenia foi uma ciência que nasceu na Inglaterra, ganhou corpo em diferentes países e que exaltava, em alguns casos, a hereditariedade dos países do norte da Europa. Muitas nações, pouco eugênicas para alguns parâmetros, embarcaram no movimento e aprovaram políticas públicas com o intuito de melhorar as suas populações.

As elites financeiras e intelectuais de muitos países utilizaram, como no caso da África do Sul, a eugenia para reforçar o seu papel de liderança dentro das suas nações. Os dados reunidos por essa ciência favoreciam, desde o primeiro estudo de Galton, as classes sociais mais abastadas que tinham acesso ao estudo, dinheiro e poder. As dinâmicas de dominação dentro dos países e entre as nações eram reforçadas pelos princípios eugênicos, o que impedia a cooperação internacional em órgãos internacionais de cooperação.

Davenport e Ramos não conseguiram aprovar o seu Código excludente no Congresso Pan-Americano de Eugenia e Hominicultura. A elite médica da região negou a aprovação de tais medidas, pois aplicavam em seu país um projeto de eugenia próprio, local. As iniciativas conduzidas por Kehl, Delfino e Paz Soldán de cooperação sul-americana causaram entusiasmo, mas também não lograram êxito. Houve cooperação, entusiasmo, troca intelectual, mas a sociedade sul-americana não se concretizou. A eugenia foi maleável o suficiente para atender os interesses das elites sociais distintas, mas não conseguiu ultrapassar as barreiras do nacionalismo e aprovar medidas internacionais. Entre o entusiasmo e a cooperação, foram aprovadas medidas internas de um movimento social com força nacional e mobilização internacional.

A historiografia sobre o tema produziu pesquisas importantes sobre o florescimento da eugenia em diferentes realidades e a aprovação de medidas públicas que estabeleciam certificados de casamentos, esterilização, a coleta de dados e a educação eugênica, por exemplo. Os estudos dedicados à América Latina discutiram a adequação dessas teorias na realidade da região. O trabalho de Nancy Stepan continua sendo referência no assunto ao propor a distinção entre o arcabouço teórico neo-lamarckiano e mendeliano, que diferenciaria a eugenia latino-americana da anglo saxã.

Tal diferenciação já começa, inclusive, a ser contestada por pesquisadores como Vanderlei Souza, que afirma ser um pouco limitador posicionar a eugenia brasileira como uma variante da eugenia latina. (Souza 2016, 3)

Este artigo optou, no entanto, por entender a eugenia por uma lógica ainda pouco explorada pela historiografia: os projetos de internacionalização e a formação de redes internacionais de médicos e eugenistas com o intuito de consolidar um movimento internacional. Nancy Stepan apresentou esse caminho ao ressaltar as conexões entre Kehl, Delfino e Paz Soldan e ao remontar as movimentações em torno da “Associação Pan-Americana de Eugenia e Hominicultura” e a “Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia”. As conexões entre diferentes países e regiões ainda é pouco conhecido, em especial o diálogo entre os eugenistas da América do Sul com o movimento internacional. Arrisco a dizer que a eugenia latino-americana ou sul-americana não seja uma aproximação científica, mas um projeto de ciência regional que de certa forma buscava preservar autonomia intelectual em relação aos principais nomes do movimento eugênico internacional.

Referências bibliográficas

“A Fada Hygia (Bibliografia).” Buenos Aires: *La Semana Médica*. Janeiro de 1925.

Alonso, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, 76, (2009): 49-86. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>

Bashford, Ashley. Internationalism, Cosmopolitanism, and Eugenics. Em: *The Oxford Handbook of the History of Eugenics*. Ashley Bashford e Philippa Levine (org), 55 – 169. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Bedwell, C. E. A. Eugenics in international affairs. *Eugenics Review*, vol.14, n.3, Outubro de 1922, 187-189.

Black, Edwin. *War against the weak: eugenics and america's campaign to create a master race*. Washington: Dialog Press, 2021.

Campbell, Chloe. Eugenics in colonial Kenya. Em: *The Oxford Handbook of the History of Eugenics*. Ashley Bashford e Philippa Levine (org), 289 – 298. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Carta da German Society for Race Hygiene para Leonard Darwin sobre International Commission for Eugenics. (1923) American Philosophical Society, Dav, B:D27., Leonard Darwin #2. http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/image_header.pl?id=442&printable=1&detailed=0

Carta de Charles Davenport a Leonard Darwin sobre German government interest in eugenics. (1922) American Philosophical Society, Dav, B:D27., Leonard Darwin #1 <http://www.eugenicsarchive.org/html/eugenics/static/images/440.html>

Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl. 2/3/1919. Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa 3 DAD/Fiocruz

Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl. 11/04/1919. Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa 3, DAD/Fiocruz.

Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl. 1/11/1919. Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa 3, DAD/Fiocruz.

Carta de Renato Kehl a Carlos Enrique Paz Soldán. 10/12/1928. Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa s/n, DAD/Fiocruz.

Carta de Israel Castellanos a Renato Kehl. 3/12/1930. Caixa s/n. Fundo Pessoal Renato Kehl, caixa 3, DAD/Fiocruz.

Carta de Victor Delfino a Renato Kehl. 12/03/1925. Caixa s/n. Fundo Pessoal Renato Kehl, caixa 3, DAD/fiocruz

Carta Victor Delfino a Renato Kehl, 18 de Março de 1919, Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa 3, DAD/Fiocruz.

Cervo, Amado Luiz e Clodoaldo BUENO. *História da política exterior do Brasil.* Brasília: Editora UNB, 2002.

“Como escolher um bom marido.” *La Semana Médica.* 3 de abril de 1924.

“Distinción honorífica.” *La Semana Médica.* 17 de abril de 1919.

Dubow, Saul. *Scientific racism in modern South Africa.* Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Estatutos da Sociedade Eugénica de São Paulo. Fundo Renato Kehl, Caixa 2, DAD/Fiocruz.

International Federation of Eugenic Organizations. *Nature.* 19 de Março de 1932, 129, 431. <https://doi.org/10.1038/129431a0>

Kehl, Renato. “Las asociaciones eugénicas.” Rio de Janeiro: *La Semana Médica.* 13 de março de 1919.

Kehl, Renato. *Melboremos e Prolonguemos.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.

Kehl, Renato. “O casamento entre surdo-mudo.” *Gazeta de Notícias.* Rio de Janeiro, 15/1/1924.

Kehl, Renato. *Eugenia no Brasil.* Rio de Janeiro: Primeiro Congresso de Eugenia 1929.

Kevles, Daniel. *In the Name of Eugenics; genetics and the uses of human heredity.* Cambridge, USA: Harvard University Press, 1995.

Lesser, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.* São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

Miranda, Marisa e Gustavo Vallejo. Los saberes del poder: eugenesia y biotipología en la Argentina del Siglo XX. *Revista de Indias,* n. 231 (2004): 425-444.

Nari, Marcela. La Eugenesia em Argentina, 1880-1940. Em: *Quijé,* vol 12, n 3 (1999): 343-369.

Olsson, Giovanni. O poder dos indivíduos e das coletividades como atores não estatais no espaço global. Em: *Relações internacionais, direito e poder: o contraponto entre os atores estatais e não estatais, volume II.* Odete Maria Oliveira, p 47-80, Ijuí, RS: Ed Unijuí, 2015.

“O perigo venéreo.” *La Semana Médica.* 17 de outubro de 1921.

Palma, Héctor. “Gobernar es seleccionar”; *apuntes sobre la eugenesia.* Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002.

Project of panamerican code on eugenics and homiculture, proposed by the Cuban delegation to the First Panamerican Conference of Eugenics and Homiculture. Havana: Imp Montalvo y Cardenas, 1927. <http://www.eugenicsarchive.org/html/eugenics/static/images/724.html>

Reports of the Second International Congress of Eugenics. *Eugenics Review,* vol 15, n 2 (1923): 409-414.

Resposta de Charles Davenport a Soren Hanson sobre eugenia. (1925) American Philosophical Society, Dav, B:D27,Leonard Darwin #3
<http://www.eugenicsarchive.org/html/eugenics/static/images/443.html>

Schell, Patience. Eugenics Policy and Practice in Cuba, Puerto Rico, and Mexico. Em: *The Oxford Handbook of the History of Eugenics*. Ashley Bashford e Philippa Levine(org), 77 – 493. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Silva, João Ítalo. “Por uma eugenia latino-americana: Victor Delfino e Renato Kehl.” Dissertação, UFMG/FAFICH, 2008.

“Sociedad Eugénica Argentina.” *La Semana Médica*. 5 de setembro de 1918.

“Sociedade eugênica de São Paulo.” *Estado de São Paulo*. 4 de abril de 1919.

Souza, Vanderlei. “A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).” Dissertação, FIOCRUZ, 2006.

Souza, Vanderlei. Brazilian eugenics and its international connections: an analysis based on the controversies between Renato Kehl and Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23 (2016): 1-18. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702016000500006>

Stepan, Nancy. *The hour of eugenics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996.

Stepan, Nancy. “The Pan American Experiment in Eugenics,”. Em: Petitjean, Patrick, Catherine Jami, and Anne Marie Moulin. *Science and Empires: Historical Studies about Scientific Development and European Expansion*, Boston and London: Kluwer Academic Publishers, 1992.

Snipes, Samuel. 2011. The Life of Japanese Quaker Inazo Nitobe. <https://www.friendsjournal.org/life-japanese-quaker-inazo-nitobe-1862-1933/>

Weiss, Sheila Faith. The Race Hygiene Movement in Germany, 1904-1945. ADAMS, Mark. *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and France*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990.

Recebido:
Aprovado: